

# **A necessidade de compreensão da transformação dos valores em preços de produção para o entendimento da acumulação material da riqueza em tempos de dominação do capital financeiro**

João Claudino Tavares<sup>1</sup>

## **ÁREA 3: Economia Política, Capitalismo e Socialismo**

### **Sub-área 3.1. Teoria do Valor**

#### **Resumo:**

Análise do processo de transformação dos valores em preços de produção. Apresentação dos elementos da polêmica em torno da transformação apreendida e explicitada por Karl Marx em “O Capital” e destaque de aspectos fundamentais da controvérsia. Considerações sobre a importância da compreensão da transformação dos valores em preços de produção para desmistificação do processo de acumulação estritamente financeira do capital na contemporaneidade. Conclui-se que só o movimento real da produção da riqueza possibilita a acumulação material de capital.

Palavras-chave: Valor. Preços de Produção. Reprodução do Capital. Crises

#### **Abstract:**

Analysis of the transformation of values into prices of production. Presentation of controversy surrounding the transformation perceived and explained by Karl Marx in "The Capital" and highlighting key aspects of the controversy. Considerations on the importance of understanding the transformation of values into prices of production to demystify the process of accumulation of capital in financial strictly contemporary. We conclude that the only real movement enables the production of wealth accumulation of material capital.

Keywords: Values. Prices of Production. Reproduction of Capital. Crisis

## **Introdução**

*As verdades científicas são sempre paradoxais, se julgadas pela experiência de todos os dias, a qual somente capta a aparência enganadora das coisas.*

*(Karl Marx)*

A transformação dos valores em preços de produção, conforme realizada por Karl Marx, em O Capital, se constituiu posteriormente na controvérsia do valor. Sobre isto, centraram-se as discussões relacionadas com à Teoria Econômica e, de modo particular, do

---

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Doutor em Geografia – área de concentração Desenvolvimento Regional e Urbano – pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Orientador do Grupo de Estudo sobre Processos de Produção e Relações de Trabalho nas Economias Dependentes – Linha de pesquisa: Trabalho e transitoriedade; Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Marx-Engels.

referentes à teoria marxiana do valor. O processo segue um duplo caminho. Por um lado, pode ser considerado inexistente e, por outro lado, deve ser resolvido para o entendimento do movimento de acumulação do capital, especialmente para o entendimento da mobilidade do capital.

No século XX a discussão se tornou relevante principalmente entre os marxistas e os neoricardianos, sem falar nos neoclássicos que fizeram críticas mais externas por ser bastante diferenciada a posição por eles defendida.

Segundo uma boa parte dos autores que comentam a Teoria Econômica de Marx, apresentada em “*O Capital*”, um dos problemas internos estaria no fato de Engels ter publicado – na forma inacabada, portanto, lacunosa como estava nos rascunhos (cadernos de anotações) deixados por Marx – o Livro III de “*O Capital*”, principalmente quando se refere às aproximações das categorias mais concretas. Para muitos, este seria o fundamento do problema da transformação dos valores em preços de produção.

A verdade é que o problema foi resgatado pelos críticos de Marx e mais especificamente pelos neoclássicos e neoricardianos para argumentarem contra a teoria do valor de Marx.

Os neoclássicos e particularmente o austríaco Eugen Von Bohm-Bawerk assegurou haver incoerência na teoria marxiana do valor.

Os neoricardianos argumentam que Marx deixou inacabado o processo de transformação do valor em preços, bem como, entendem não haver necessidade de partir dos valores para entender (explicar) os preços, daí a razão para ser relacionado com a perspectiva desenvolvida por David Ricardo. Eles trabalham no sentido de explicar simplesmente os preços relativos ou os preços pelos preços. Assim, limitados aos preços relativos acham ser possível determinar simultaneamente os preços e a taxa de lucro sem necessidade de recorrer à teoria do valor-trabalho. Nesta perspectiva desenvolvem realmente a teoria ricardiana, mas apresenta várias limitações se comparada com a teoria de Marx. Assim sendo, pergunta-se: Qual a possível relação entre a transformação do valor em preços de produção de Marx com a teoria dos preços técnicos de reprodução desenvolvida pelos neoricardianos?

Por outro lado, entendemos que a preocupação de Marx não foi fundamentalmente com a relação entre os preços senão enquanto forma de reprodução das relações sociais

inerentes ao modo de produção capitalista (processo de acumulação e reprodução do capital).

A necessidade de se entender a natureza do valor se deve ao fato de ser a única maneira possível de se entender a origem do lucro. Mesmo que se pretendesse entender a natureza das relações capitalistas a partir dos preços de custo não seria possível perceber a natureza da valorização do capital. Pois, através dos preços de custos já desaparece a composição orgânica do capital de maneira que pode-se imaginar que todas as partes componentes do capital criam igualmente valor.

## **2 A metamorfose do valor aos preços de produção ou de como a composição contábil mistifica a natureza da mais valia**

A polêmica em torno da relação entre valor e preço de produção apareceu imediatamente após a publicação do Livro III d'O Capital por Engels, ou seja, em 1895, com o trabalho de Eugen von Bohm-Bawerk afirmando haver uma incoerência na teoria d'O Capital. Para ele, a publicação do Livro III se desenvolveu uma espécie de corrida com prêmio sobre a questão da taxa de lucro e sua relação com a lei do valor sem que ninguém tenha conseguido obter o prêmio. Finalmente, quando apareceu o Livro III e, portanto, a possibilidade de se resolver o esperado problema, ou a promessa de solução no sentido de se completar a teoria do valor. O esperado era que se pudesse encontrar uma solução plausível para a verificação concreta da existência da teoria do valor de Karl Marx. Dessa forma, imediatamente após a publicação do Livro III todos os estudiosos da teoria marxiana partiram para investigar se realmente o sistema havia sido concluído e poderia ser seguido fielmente ou, no caso de Bohm-Bawerk, realmente se comprovaria a sua inaplicabilidade do complemento ao que apresentou nos Livros I e II.

A análise de Bohm-Bawerk pretendeu passar do valor diretamente aos preços sem investigar as mediações e interdeterminações entre ambos. Ela supõe a troca de equivalentes e nesse caso apenas os preços interessam.

Mais especificamente, Bohm-Bawerk identifica uma contradição de Marx no capítulo VIII do Livro III afirmando que nele Marx abandona a idéia de que as mercadorias são vendidas (são intercambiadas) por seus valores.

Um problema identificado na análise de Bohm-Bawerk é que ele entende que valor e preços são sinônimos e o fato das mercadorias serem vendidas por preços diferentes dos respectivos valores, conforme sustenta Marx, significa dizer que a teoria do valor de Marx é incoerente e não permite explicar a realidade concreta, portanto, é irreal.

Em resposta a Bohm-Bawerk apareceu, em 1905, o trabalho de Rudolf Hilferding, defendendo a coerência interna da teoria marxiana do valor. Ressalte-se, entretanto, que a posição de Hilferding se manifesta como se a teoria elaborada por Marx não pudesse ser questionada ou pelo menos não era essa a preocupação do mencionado autor. Não obstante, Hilferding consegue responder satisfatoriamente à crítica de Bohm-Bawerk.

Posteriormente apareceu o trabalho de Bortkiewicz, que, segundo Paul Sweezy “foi o primeiro intento de resolver o problema e por isso ele constitui o ponto de partida efetivo de qualquer trabalho posterior ao tema”. O objetivo do artigo de Bortkiewicz, em sua opinião, não era de atacar a teoria marxista senão defendê-la. Aceitando esta suposição seria o trabalho de Bortkiewicz um ponto de partida central e, deste o ponto de vista, uma crítica interna ao problema da transformação do valor em preços de produção de Marx.

Analisando matematicamente, através de um sistema de equações, o processo de transformação de valor em preços de produção, Bortkiewicz identifica um problema e diz ser um erro de Marx. O problema se deve ao fato da análise demonstrar uma indeterminação. Pois, analisando o processo da transformação através dos esquemas de reprodução e da necessidade de se justificar as igualdades entre valor e preços da produção e mais-valia e lucro, em suas totalidades. Pelo esquema de reprodução do capital chega-se a um conjunto de três equações e quatro incógnitas, portanto, a um sistema indeterminado. A partir disso, procura uma forma de torná-lo determinado, ou seja, pelo menos igualar o número de equações ao de incógnitas.

Como alternativa rompe com uma das igualdades, no caso, com a igualdade entre valor e preços de produção na sua totalidade aceitando a argumentação de que a desigualdade entre mais-valia e lucro. Para este autor a desigualdade entre valor e preços não se constitui num problema porque são medidos em unidades diferentes, ou seja, o valor é medido em quantidade de trabalho e o preço em quantidade de dinheiro. Assim, para observar do ponto de vista do valor, far-se-ia equivalência de todas as mercadorias com a quantidade de ouro existente e que funcionasse como equivalente geral.

Bortkiewicz assume que a diferença entre valor e preços decorre da variação na composição orgânica do capital do setor III (Departamento III) que produz ouro.

Outro momento da discussão sobre o problema da transformação, decorrente e ainda a prevalecer como dominante, diz respeito ao trabalho do italiano Piero Sraffa. Isso aconteceu a partir de 1960 com a publicação do Livro “*PRODUCTION OF COMMODITIES BY MEANS OF COMMODITIES: prelude to a critique of Economics Theory*” (Produção de mercadorias por meio de mercadorias: prelúdio a uma crítica da teoria econômica). A discussão passou a ter Sraffa como ponto de referência, seja no momento importante tanto por ser o centro das discussões atuais quanto pelo fato de, a partir de Sraffa mesmo alguns marxistas aderiram ao neocardianismo, como parece ser o caso de Cláudio Napoleoni (NAPOLEONI, 1981, p. 163), Ronald Meek e outros.

Em síntese, o problema pode ser apresentado utilizando as palavras de Ronald Meek quando diz: “O debate iniciado por Bohm-Bawerk sobre as alegadas ‘grandes contradições’ entre os Volumes I e III de “*O Capital*” não foi ainda resolvido a contento de todos os interessados. De uma forma ou de outra, e com vários graus de refinamentos, certo número de aspectos da questão continua a ser calorosamente discutido. Em particular, a literatura sobre o chamado ‘problema da transformação’ multiplicou-se consideravelmente desde que Paul Sweezy chamou a atenção dos autores ingleses, em 1946, em sua obra “*Theory of capitalist Development*”.

### **3 O processo de transformação dos valores em preços de produção**

Antes de iniciarmos a nossa exposição sobre o processo de transformação dos valores em preços de produção em Marx, faz-se necessário alguns esclarecimentos importantes.

Em primeiro lugar, deve-se ter presente a diferença entre os níveis de abstração dentro da investigação ao longo do *Capital* e a dimensão particular inerente ao Livro III, do qual nos ocuparemos mais de perto.

Em segundo lugar, não podemos esquecer que a unidade de medida de preços de produção é horas de trabalho. Assim, embora a análise se trate da relação entre valor e preço, deve-se ter claro que o preço de produção é uma intermediação entre valor e preço

de mercado, e não visa explicar imediatamente a flutuação deste último. Isto se torna mais claro quando compreendemos que o preço de produção nada mais é do que um valor transformado e apropriável em condições de uniformidade da taxa de lucro.

### **3.1 “O Capital” e suas dimensões apresentadas por Marx**

Conforme esclareceu o próprio Marx, o Livro I trata do processo de produção direto, no Livro II a análise se prende ao processo de circulação como mediação da reprodução do capital e o Livro III trata-se do processo de sua reprodução global.

Em outras palavras, podemos entender o Livro III como sendo a análise do processo de concreção das relações sociais inerentes as formas fenomênicas ou aparentiais da sociedade mercantil capitalista. Na análise da natureza dos fenômenos, faz-se o retorno a aparência expondo e explicando a relação entre a essência e a manifestação concreta e transmutada da essência em aparência. Assim é o caso da relação entre valor e preço de produção ou produção e apropriação da riqueza capitalista, considerando a repartição/apropriação da mais-valia.

Podemos ainda distinguir as particularidades dos Livros I, II e III do Capital desde a perspectiva das três dimensões mais gerais apresentadas. Neste sentido, o Livro I se refere a formulação e exposição da teoria do valor-trabalho e as contradições entre capital e trabalho que no capitalismo se encerra. No Livro II encontramos a análise do processo de realização do valor enquanto atribuição da circulação – isto através dos ciclos e esquemas de reprodução do capital. No Livro III a análise busca explicar mais de perto as transmutações inerentes à metamorfose do capital na perspectiva concreta, no nível da concorrência e mobilidade dos capitais intersetorialmente, aqui caracterizado pela metamorfose da mercadoria ou às revoluções do valor.

Neste contexto, transformação dos valores em preços de produção, da qual nos ocuparemos mais de perto, aparece nas duas primeiras seções do Livro III. Não obstante, nestas seções, Marx expõe progressiva e detalhadamente a transformação visando esclarecer o processo de mistificação e como se manifesta a tendência dos fenômenos negarem a sua natureza. O que Marx se ocupa é com a explicação da realidade concreta das relações sociais bem como os limites da compreensão do senso comum e dos economistas vinculados ou influenciados pelo pensamento burguês. Dessa forma, a preocupação de

Marx é com a demonstração das contradições, desde o ponto de vista superficial das relações capitalistas e como estas dissimulam a lei do valor e, por conseguinte, o processo de real valorização do capital.

### **3.2 Análise da transformação dos valores em preços de produção ou a mistificação da essência pelos fenômenos**

O processo de transformação dos valores em preços de produção deve ser visto de acordo com a seguinte sequência lógica: 1) análise da categoria preço de custo; 2) transformação da mais-valia em lucro; 3) formação e equalização da taxa média, geral, e de lucro; 4) transformação dos valores em preços de produção ou, em outros termos, estudo da apropriação da riqueza na sociedade capitalista, considerando a repartição da mais-valia e as conseqüentes transferências de valores.

No nível de abstração do Livro I, a fórmula do valor-mercadoria ( $w$ ) é:  $w = c + v + mv$ , onde ( $c$ ) representa o capital constante, ( $v$ ) o capital variável e ( $mv$ ) a mais-valia.

Marx apresenta progressivamente as categorias concretas e expõe as determinações inerentes à intermediação entre valores e preços de produção na perspectiva de demonstração do que dá sentido a acumulação capitalista.

Nesse processo a primeira categoria concreta relevante com que Marx se defronta é o preço de custo.

Inicialmente Marx diferencia o custo de produção do custo capitalista. O custo capitalista representa o valor-capital adiantado na produção ( $c + v$ ) enquanto que o custo de produção é igual ao valor-mercadoria ( $c + v + mv$ ), ou seja, o valor passado pelos meios de produção e o valor novo criado pela força de trabalho.

Neste ponto aparece a primeira dissimulação da natureza do valor, que diz respeito ao fato do capitalista não diferenciar valor de preço (para ele, o capitalista, ambos os termos são sinônimos, chamar de valor ou preço não faz diferença). Depois de finalizada a produção, o capitalista soma os custos de produção e vai ao mercado tentar encontrar o valor de sua mercadoria e assim a valorizar. Dessa forma, o mercado seria o responsável pela valorização do seu capital. Pois, qualquer preço de venda acima do preço

de custo possibilita a apropriação de um lucro, independente da sua mercadoria ser vendida acima ou abaixo do valor.

Para Marx, o mercado nada mais faz do que reconhecer ou não um determinado valor o qual resulta exclusivamente do processo de produção. No entanto, Marx chama a atenção para o processo de dissimulação da realidade provocada pelo não entendimento dos aspectos essenciais das relações sociais no capitalismo.

Entre outros aspectos, na medida em que o mercado não reconhece o valor individual, mas sim o valor social das mercadorias e ainda por cima dissimulado pela forma preço, poderia-se aceitar que a teoria do valor-trabalho não teria nenhum sentido real. Tomando como ponto de partida o preço de mercado e a este se restringindo, desde o ponto de vista estritamente quantitativo monetário, a afirmativa acima estaria correta. Pois, aos capitalistas apenas interessa o resultado final, isto é, o lucro máximo, sem se importar com a sua origem.

Agora, tendo em conta a circularidade das mercadorias (metamorfoses), o fato delas poderem ser utilizadas como matérias-primas em outras produções e a possibilidade de ter sido adquirida por um preço diferente do seu valor - o que é extremamente normal – evidencia-se a dificuldade ou mesmo a impossibilidade de se partir do sistema de preços para explicar a lei da valorização do capital. Neste sentido, devemos ter em conta as dimensões micro e macroeconômicas da identidade e diferença entre valor e preço. Visto que, as relações individuais tendem a negar os aspectos macroeconômicos. Para superar esta dificuldade a única possibilidade parece ser através do estudo da lei do valor, depois chegar ao entendimento das transformações dos valores em preços de produção e dissimulações inerentes às intermediações e interdeterminações na lei do valor (produção) até o sistema de preços de mercado, ou da relação entre a produção e apropriação da riqueza na sociedade mercantil capitalista.

Voltando à análise dos custos, observa-se que a diferença entre preço de custo e valor-mercadoria deve ser entendida como o primeiro aspecto a se ter em mente no processo de transformação.

Com relação aos elementos constante (c) e variável (v) do capital, respectivamente, temos a observar que estes aparecem completamente dissimulados em relação ao que Marx havia demonstrado no Livro I. Na contabilidade capitalista, o capital



aparece subdividido entre capital fixo (Cf) e capital circulante (Cc). Com isso a transformação pode ser vista pelo seguinte processo:

- Inicialmente tinha-se que o capital adiantado, que corresponde ao custo de produção para o capitalista (K) era  $K = C + V$ ;
- Com a transformação, os custos são contabilizados considerando as partes fixas e circulantes do capital.

Assim sendo, tem-se que observar que isso faz desaparecer a composição orgânica do capital e, por conseguinte, não mais se pode identificar nem a questão da exploração do trabalho pelo capital ou, em outros termos, a natureza da valorização do capital. Em consequência o excedente aparece apenas como acréscimo aos custos.

O que era considerado capital constante passa a ser parte fixa e parte circulante; sendo fixa a parte imobilizada e que tem seu desgaste num período considerado não inferior a um ano. Parte do capital constante também aparece como circulante (Cc1), trata-se das matérias-primas e matérias auxiliares. Enquanto isso, o capital variável (V) aparece como a outra parte do capital circulante (Cc2). Portanto, a fórmula que era  $K = C + V$  passa a ser  $K = Cf + Cc1 + Cc2$ .

Apesar do processo representar, aparentemente, só mudanças de nomes, portanto, de ponto de vista tem bastante importância no processo de transformação, nele se encobre a efetiva possibilidade de se perceber a valorização do capital.

Não obstante, mesmo que admitisse a origem do excedente no processo de produção, o capitalista justificaria que o excedente teria sido criado por todo o valor-capital adiantado, mas jamais pela força de trabalho. Além disso, teria-se a justificativa de que nem o capital variável (força trabalho) nem o capital constante (meios de produção) criariam valor-excedente isoladamente. A necessidade de combinação entre os "fatores de produção" dissimularia a possibilidade de que fosse a força de trabalho (nas condições históricas do capitalismo) que valorizaria o capital.

Por fim, aqui deve ser considerado que para o capitalista, o preço de custo seria o verdadeiro valor intrínseco da mercadoria e a valorização da mercadoria aconteceria com a sua venda por um preço superior a este preço de custo. Na verdade o preço de custo é o parâmetro mínimo para a produção, abaixo do qual o capitalista não conseguiria nem repor o seu capital adiantado e a produção capitalista não teria sentido ou mesmo não existiria. Mesmo que o capitalista não consiga vender a sua mercadoria por seu valor, qualquer

preço acima do preço de custo é considerado lucro. No entanto, o que um capitalista ganha representa perda para outro ou outros capitalistas de maneira que no final das contas os desvios se anulariam, como Marx demonstrou e apresentaremos posteriormente.

### 3.3 A metamorfose da mais-valia em lucro e do valor em preço de produção

Depois de analisado a relação entre o valor-mercadoria e o preço de custo e a mistificação da valorização do capital, Marx passa a analisar a relação entre o excedente (mais-valia) e a sua transformação em lucro.

No Livro I Marx havia mostrado que como valorização do capital se deve à exploração da força de trabalho – sendo a força de trabalho mercadoria especial pelo fato de ser capaz de produzir valor acima do seu próprio valor e, portanto, se constituir na fonte da valorização do capital. Por outro lado, o capitalista se apropria do excedente (mais-valia) na forma de lucro. Mas o lucro nada mais é do que a forma aparente e apropriável do excedente. Para Marx, o lucro nada mais é do que a mais-valia vista de outra forma.

Porém, tendo em conta o preço de custo e o lucro como excedente a este, a fórmula do valor-mercadoria que era  $M = c + v + mv$  passa a ser  $M = k + l$ . Até aqui, o lucro é igual à mais-valia, a diferença diz respeito unicamente à taxa. No entanto, o próprio Marx sustenta que após a transformação o lucro se torna também numericamente diferente da mais-valia. A respeito diz que "na próxima seção (seção II do Livro III) veremos como a alienação prossegue e o lucro também se apresenta numericamente como grandeza diferente da mais-valia".

De acordo com a concepção de Marx a mais-valia (excedente da riqueza capitalista) tem origem exclusivamente na produção e se explica pelo processo histórico de separação entre os possuidores, por um lado, dos meios de produção e, por outro lado, exclusivamente da força de trabalho. Mas, devemos ter presente que pela dimensão particular perceptível ao capitalista, dada a sua necessidade de reprodução social e ao senso comum, a observação se torna diferente.

Antes, tinha-se a taxa de mais-valia que era encontrada dividindo o excedente pelo capital variável ( $mv/v$ ). Agora, dada a dissimulação inicial da composição orgânica do capital aparece à taxa de lucro, que representa a valorização do capital em nível contábil, a

qual é obtida dividindo o excedente pelo capital adiantado ( $mv/c + v$ ). Embora o lucro ainda seja numericamente igual à mais-valia as taxas são diferentes.

Não obstante, com a repartição da mais-valia entre os diversos capitalistas a mistificação da origem desse excedente causa a impressão de que a circulação seria o momento da valorização do capital, quando, na verdade este momento representa apenas a efetivação da valorização última em que o capital retorna à forma dinheiro. Lembrar o processo de valorização do capital por sua forma geral,  $D - M - D'$ .

Como se pode observar, capitais de diferentes composições orgânicas produzem mais-valia também diferentes. No entanto, chegado a uma identificação de uma composição orgânica média social percebe-se que a tendência dos capitais é de procurarem, pelo menos, se adequarem a esta composição e dessa forma se deslocarem dos níveis inferiores para os níveis superiores, no sentido de garantirem a própria sobrevivência no processo de acumulação.

A participação dos capitais na repartição da mais-valia total (produto excedente) se dá, como havíamos dito, de acordo com a parte alíquota em relação ao capital social total. Acreditamos que isto torna claro que os capitais participam da repartição da mais-valia total não de acordo com o que produzem. Isto é importante porque esclarece as distinções entre produção e apropriação. O que dá sentido a este processo é a lógica da concorrência. Pois, é através da concorrência que os capitais buscam obter o máximo de lucro possível.

A aparente contradição é que o capital produz mais-valia de acordo com a sua composição orgânica e participa da repartição, via apropriação, de acordo com a sua participação percentual no capital total. As transferências de valor que ocorrem na apropriação, perceptível ao nível dos preços de produção, se explicam quando percebe-se que o que um capitalista ganha corresponde ao que outro ou outros perdem e assim os desvios dos preços de produção dos seus respectivos valores se anulam.

O que dá sentido e efetivamente explica a sua lógica é a concorrência capitalista onde cada capital busca atingir um lucro máximo e esta busca motiva a mobilidade dos capitais. Dessa forma, observa-se que a taxa média, geral, de lucro nada mais é do que uma tendência ou aproximação e se explica por meio de suposição de um possível equilíbrio no sistema capitalista, embora Marx tenha chamado atenção dizendo que o equilíbrio é algo inexistente no sistema capitalista.

A percepção disto não é possível desde o ponto de vista da observação do capitalista individual. Visto que, só eventualmente é que o preço de produção corresponde ao valor individual e para isto é necessário que a composição orgânica de determinado capital coincida com a composição orgânica social média.

Porém, veremos que ao nível do capital social total, é necessário que o preço de produção seja igual ao valor como afirmou Marx e defende o professor Reinaldo Carcanholo no seu trabalho "*Dialética de la Mercancia y Teoria del Valor*".

Caso os capitalistas vendessem as suas mercadorias pelos respectivos valores implicaria que a taxa de lucro resultaria desigual e se assim fosse não teria sentido a lógica do sistema capitalista.

Afirmamos que a taxa média, geral, de lucro é encontrada pela média ponderada a partir das "diferentes taxas de lucro são igualadas pela concorrência numa taxa geral de lucro que é a média de todas essas diferentes taxas de lucro".

Chegado a este ponto podemos então realizar a transformação dos valores em preços de produção. Pois, conforme definiu o próprio Marx, os preços de produção são os preços que surgem do cálculo da média das diferentes taxas de lucro das diferentes esferas da produção, adicionado aos preços de custo das diferentes esferas da produção. Neste sentido, entendemos o preço de produção como sendo um preço teórico de equilíbrio e uma categoria também teórica fundamental para a compreensão da relação entre produção e apropriação da riqueza na sociedade mercantil capitalista. Ainda podemos chamá-lo de preço necessário de reprodução do capital.

A fórmula mais simples do preço de produção é:  $pp = k + 1m$ , sendo (pp) preço de produção, (k) preço de custo e (1m) lucro médio.

O preço de produção é um regulador da distribuição e do processo de mobilização dos capitais entre as diferentes esferas da produção.

Para Marx, só podemos chegar aos preços de produção partindo-se do sistema em valores e não ao contrário. As tentativas de se explicar o preço de produção sem partir dos valores leva a que se confunda Marx com Ricardo em que termine por prevalecer a idéia dos preços relativos, mesmo que isto ocorra inconsciente ou displicentemente.

Pensamos que os equívocos se desfazem quando se admite que o preço de produção é um valor apropriável em condições de uniformidade da taxa de lucro e que a

sua unidade de medida é horas de trabalho e não uma unidade de medida monetária como pensam os neoricardianos.

Através dos preços de produção Marx demonstrou que motiva a mobilidade e distribuição dos capitais entre os diversos ramos da produção, no sentido de identificar a lógica do processo de apropriação do valor (riqueza) e a lógica do processo de acumulação. Sendo, portanto, este um parâmetro teórico que explica os elementos necessários para que um determinado produtor possa permanecer na concorrência capitalista.

Para melhor evidenciar a transformação, a reproduziremos utilizando os exemplos numéricos apresentados por Marx, como se segue.

#### SISTEMA EM VALORES

<b>Capitais</b>	<b>Mais-valia</b>	<b>Valor-produto</b>	<b>Taxa de lucro</b>
I. $80c + 20v$	20	120	20%
II. $70c + 30v$	30	130	30%
III. $60c + 40v$	40	140	40%
IV. $85c + 15v$	15	115	15%
V. $95c + 5v$	5	105	5%
Soma $390c + 110v$	110	610	--
Média $78c + 22v$	22	122	22%

Tomando cinco capitais com distintas composições orgânicas, mesma taxa de mais-valia ( $m'$ ) de 100%, temos o seguinte sistema em valores; a partir dele encontremos a composição orgânica social média e a taxa média, geral, de lucro.

Do sistema acima observe-se que as taxas de lucros resultam diferentes para os diversos setores mas a concorrência a equaliza em 22%. Ela pode ser encontrada a partir do capital social total ou da composição orgânica social média que é de  $78c + 22v$ . Não obstante, vale salientar que supomos que todo o capital seja repostado no período de um ano e assim eliminamos a questão da depreciação do capital fixo. A transformação resulta no seguinte sistema:

#### SISTEMA EM PREÇOS DE PRODUÇÃO

<b>Capitais</b>	<b>Mais-valia</b>	<b>Valor das mercadorias</b>	<b>Lucro médio</b>	<b>Preços de Produção</b>	<b>Desvios</b>
I. $80c + 20v$	20	120	22	122	+ 2

II. $70c + 30v$	30	130	22	122	- 8
III. $60c + 40v$	40	140	22	122	- 18
IV. $85c + 15v$	15	115	22	122	+ 17
V. $95c + 5v$	5	105	22	122	+ 17
Soma $390c + 110v$	110	610	110	610	0
Média $78c + 22v$	22	122	22	122	--

Com o presente sistema, percebe-se que se mantêm as duas igualdades fundamentais, depois de realizada a transformação, e que os desvios se anulam automaticamente. Mas, a manutenção das igualdades fundamentais deve ser considerado um caso particular, ou seja, a uma situação de equilíbrio, bem como, pelo fato de Marx ter se limitado, nos exemplos numéricos, a transformar a mais-valia em lucro e o lucro em lucro médio.

Pensamos que faltou apresentar um exemplo numérico, transformando também os preços de custos, representados pelo capital adiantado, em preços de produção, através do que provavelmente Marx tivesse percebido, que a simultaneidade das duas igualdades tidas como fundamentais não seria possível na realidade da sociedade capitalista e talvez tivesse pensado em aprofundar a discussão no sentido de encontrar uma solução completa.

Marx adverte que a diferença de grandeza entre lucro e mais-valia nas esferas particulares de produção serve para ocultar a verdadeira natureza do lucro; embora aqui Marx estivesse se referindo às esferas particulares. A simultaneidade das duas igualdades tidas como fundamentais não seria possível na realidade da sociedade capitalista e talvez tivesse pensado em aprofundar a discussão no sentido de encontrar uma solução completa.

Com relação a não igualdade entre mais-valia e lucro, depois de efetivada a transformação, Marx demonstra que tinha consciência, mas não parece ter dado importância, visto que, o que realmente lhe interessava era entender e explicar as transferências de valores entre os diversos setores quando se analisa de perto a concorrência entre os capitais, a partir da categoria preço de produção.

A este respeito Marx observa que o preço de custo de uma mercadoria, no qual o preço de produção de outra mercadoria está incluído pode estar acima ou abaixo do seu respectivo valor.

Mesmo assim, Marx adverte que a diferença de grandeza entre lucro e mais-valia nas esferas particulares de produção serve para ocultar a verdadeira natureza do lucro embora aqui Marx estivesse se referindo às esferas particulares.

No entanto, após a transformação completa percebe-se que a nível das totalizações necessariamente o lucro divergirá quantitativamente da mais-valia.

Depois de efetivada a transformação, ou seja, observada a lógica de reprodução do capital em condições de concorrência entende-se que as mercadorias são vendidas por preços diferentes dos seus respectivos valores e que isto é uma condição necessária para a existência da sociedade mercantil capitalista.

Em resumo, pensamos que a transformação conforme trabalhada por Marx deve ser encarada considerando os aspectos teóricos e algébricos.

Desde o ponto de vista teórico, entendemos que Marx completou a transformação. Por outro lado, nos exemplos apresentados no Livro III do Capital a transformação se torna parcial, porque apesar de ter observado que os elementos que constituem o preço de custo do capital adiantado, desde a ótica do vendedor, se constituem no preço de produção e normalmente já se desviam dos respectivos valores. Em outras palavras, após a transformação, o que é preço de custo para o comprador representa o preço de produção para o vendedor. Entendemos isto quando percebemos as transferências de valores ao nível da apropriação da riqueza.

Retornando à questão teórica dissemos que Marx a completou ou que não existe "erro" porque através dela pode-se chegar a um sistema que auxilie a complementação algébrica da transformação. Neste sentido, muitos autores trabalharam e buscaram adequar vários modelos, dentre os quais destacamos, no presente trabalho, os modelos de Bortkiewicz e Sraffa.

Reenfatizamos, entretanto, a necessidade de ter claro o conceito de preço de produção. Pois, preço de produção quer dizer valor apropriável em condições de uniformidade da taxa de lucro. A compreensão deste conceito passa necessariamente pelo entendimento do processo de transformação do valor em preço de produção, de acordo com o processo de concreção-mistificação, ou seja, de acordo com a progressiva análise de Marx desde a essência a aparência incorporando categorias mais concretas e, por conseguinte, complexificando o processo de análise.

### **3.4 A polêmica das soluções ao problema da transformação dos valores em preços de produção**

Preço de produção se refere a uma aproximação dos fenômenos da realidade capitalista, mas não deve ser confundido com estes fenômenos. Isto quer dizer que, embora seja uma aproximação e, portanto, uma categoria teórica extremamente relevante não tem a pretensão de explicar as flutuações dos preços de mercado. Pois, não podemos esquecer que o preço de produção ainda é medido em trabalho enquanto que, como é evidente, a unidade de medida do preço de mercado se refere ao aspecto monetário quantitativo.

Chamamos atenção para a unidade de medida porque consideramos decisiva no que diz respeito à interpretação da transformação. Assim, por um lado, existem os que entendem que a unidade de medida é horas de trabalho e concluem que o problema da transformação praticamente inexistente. Enquanto que, por outro lado, os que acreditam no problema como se devendo à escolha da unidade de medida, buscam ou assumem determinadas conclusões para resolverem os problemas ou erros deixados por Marx, mas, na verdade nem chegam a resolver os próprios problemas que parecem ser de compreensão. De maneira geral, esta última posição é caracterizada como a corrente de pensamento neoricardiana.

Um aspecto empobrecedor do neoricardianismo é que podem até entender o problema, mas não conseguem explicar o equivalente e admitem que o equivalente continua sendo explicado por um imaginário. Apenas disfarçam isso admitindo a aceitação dos metais enquanto equivalente.

Quando a discussão inclui o numerário nos parece haver uma confusão de Marx com Ricardo, onde termina prevalecendo a proposta de Ricardo. Por outro lado, mesmo tendo sido discutida por muitos anos, uma solução adequada à perspectiva de Marx ainda permanece na marginalidade acadêmica.

Como muitos outros estudiosos da teoria marxiana do valor, Carcanholo também analisa a transformação a partir do possível erro de Marx no que diz respeito à simultaneidade das duas identidades fundamentais, ou seja, dos valores serem iguais aos preços de produção e da mais-valia ser igual ao lucro, nas totalidades.

Segundo a análise de Carcanholo, a interpretação de que a massa de mais-valia não pode diferir da massa, de lucro na totalidade, sob o pressuposto de que a teoria



marxiana da exploração se comprometeria, corresponde a uma falsa e/ou ideológica interpretação.

Para Carcanholo, a diferença entre mais-valia e lucro, depois da transformação, se deve a que a mais-valia é medida em valor e o lucro a partir da taxa média de lucro é medida em preços de produção. Por outro lado, a necessidade de igualdade entre valores e preços de produção nas suas totalizações se deve a que ambos são medidos em horas de trabalho abstrato, mas em nada isto parece contradizer na perspectiva da teoria de Marx.

Com respeito à relação entre o valor e o preço de produção de uma mesma mercadoria, Carcanholo mostra outra forma de perceber os desvios através da divisão de cada valor por seu respectivo preço de produção. Ou seja, digamos que o valor de uma mercadoria seja  $x$  e seu preço de produção seja  $y$ , neste caso o desvio para cima ou para baixo pode ser representado por uma certa taxa percentual, no caso:  $x/y = 1 \pm t\%$ .

Na totalidade estes desvios se anulam automaticamente. Este aspecto é importante porque é basicamente a partir dele que Carcanholo desenvolve o seu raciocínio algébrico para a superação do problema da transformação dos valores em preços de produção.

Uma análise cuidadosa demonstrará que a interpretação adequada é a que a totalidade dos preços tem que ser igual à totalidade dos valores. Isso porque ambos têm como unidade de medida horas de trabalho social e os preços de produção não são nada mais nada menos do que os valores apropriáveis em condições de uniformidade da taxa de lucro. Dessa forma, o preço de produção nada mais é do que o valor transformado.

Vale salientar, entretanto, que as conclusões não podem tomar como alternativa algébrica a aceitação de uma das duas identidades fundamentais como válida. Se a alternativa algébrica fosse facultativa, como matematicamente poderia ser, admitir-se-ia uma pluralidade nas conclusões de Marx, mas far-se-ia. Assim, devemos investigar, dentro do universo das investigações e das diferentes opiniões qual a que apresenta argumentos mais adequados, principalmente quando se trata de interpretações.

Pensamos que a via pela qual se justifica a diferença quantitativa ou algébrica entre mais-valia e lucro, após a transformação, se torna clara quando se observa dois aspectos apresentados por Marx. Um deles, por sinal decisivo, diz respeito à questão da mistificação inerente ao processo progressivo de observação aparential das relações sociais no capitalismo, dados os seus mecanismos fenomênicos. O outro, que nos parece ainda mais relevante, diz respeito à questão da transferência de valores e uma observação de que

os preços de custos dos produtos já podem conter desvios do valor dos meios de produção, ou seja, incluem mais-valia de outras mercadorias. E, uma vez realizada a transformação, dissimula-se a origem da mais-valia.

Outro aspecto fundamental a se ter presente e que também demonstra um equívoco interpretativo relacionado à preocupação com a escolha do numerário, parece ser o de confundir a preocupação de Marx com a dos neoclássicos. Qual seja: Marx se preocupou em mostrar dentro do processo concorrencial, como entender a reprodução e mobilidade do capital.

Os neoclássicos, por outro lado, se preocuparam fundamentalmente com a compreensão dos preços de mercado e deste nível não saíram. Então, a preocupação com o aspecto monetário, acima de qualquer coisa, ou mesmo tomando os preços de mercado como ponto de partida, tem induzido mesmo autores considerados marxistas a se perderem no caminho e terminarem por se envolverem com os resultados da proposta ricardiana.

Supondo que tanto os valores quanto os preços de produção tem a mesma unidade de medida se torna difícil aceitar que na totalização ambos possam diferir. Aceitando a diferença, como demonstra as simulações matemáticas, seria o mesmo que dizer que a lógica de Marx estaria comprometida, pois o valor não seria a riqueza capitalista resultante da produção. É verdade que o preço inferior ao valor significa aceitar que a sociedade não reconheceu o valor total, mas tem-se de levar em conta que isto é resultado de medidas de mesma coisa em períodos diferentes. No decorrer da circulação haveria acontecido destruição do valor. Mas, avaliando no mesmo momento, ambas as quantidades não podem diferir.

Na relação entre mais-valia e lucro ocorre algo diferente. Inicialmente tem-se a dissimulação da mais-valia pelo lucro, a partir da observação dos preços de custos observando-se as transferências dos valores tanto para os elementos do capital constante quanto eventualmente para o capital variável, na concorrência capitalista. Mas, o fato é que estas transferências só podem ser percebidas nas dimensões totais pela observação dos desvios.

Segundo a opinião do professor Reinaldo Carcanholo, talvez Marx não tivesse deixado espaço para confusões se ao invés de ter utilizado a denominação preço de produção tivesse usado a terminologia valor transformado, como indica a essência do próprio conceito (CARCANHOLO, 1987, p. 13-14).

## **Comentários finais**

Qual a importância da compreensão do processo de transformação dos valores em preços de produção para entender as questões do nosso tempo?

Vivemos um período histórico dominado pela acumulação financeira em escala mundial. Diante disto parece que a riqueza nasce do nada, isto é, que a valorização do capital decorre simplesmente do movimento mundial da taxa de juros e que esta acumulação está descolada da produção material. Num primeiro momento parece que a valorização provém do fato de vender mais caro do que se comprou. Isso é verdade, mas só em parte.

Neste contexto, a transformação de valores em preços de produção é fundamental para a compreensão de que no processo de circulação o que acontece é a apropriação de valor de acordo com o tamanho do capital e condicionado à taxa média de lucro. A taxa média de lucro sendo, portanto, uma referência para a mobilidade do capital.

As crises de superprodução do capital são momentos em que demonstra-se que só pode-se apropriar de riqueza no limite da produção.

Achamos que o fundamental da teoria marxiana do valor, no contexto aqui estudado, se refere à preocupação com a explicação das relações sociais de produção e apropriação, portanto, da reprodução da riqueza na sociedade capitalista. Neste sentido, se a transformação permite explicar o acima referido, a flutuação dos preços de mercado não se torna a preocupação de Marx, visto que, está estritamente relacionada com as conjunturas específicas representadas nos ciclos de reprodução.

## **Referências**

BELLUZZO, Luis Gonzaga de Mello. VALOR E CAPITALISMO: Um ensaio sobre Economia Política. São Paulo: Bional, 1987.

BENETTI, Carlo; BERTHOMIEU; Claude et CARTELIER, Jean. Economie Classique e Economie Vulgaire (Essais critiques). Paris: Maspero, 1975. (Col. intervention en politique). 138p.

BOHM-BAWERK, Eugen von. La conclusion dei sistema IN: SWEEZY, Paul (org). Economia Burguesa y Socialista. Espana: Siglo XXI, 1974.

BORTKIEWICZ, Ladislau von. Contribución a una retificación de los fundamentos de la construcción teórica de Marx en el volumen III de "El Capital". IN: SWEEZY, Paul (org). Economia Burguesa y Economia Socialista. Espana: Siglo XXI, 1974.

CARCANHOLO, Reinaldo A. Dialética de la mercancía y teoría del valor, San Jose/Costa Rica: EDUCA, 1982. 200p.

\_\_\_\_\_. Comentários Sobre o Conceito de Preço de Produção em Marx (A propósito de um quase desconhecido). Campina Grande, Mestrado em Economia Rural/UFPB, abril/1987, (Cadernos de Economia - Série Debates, Nº 25). 21p.

\_\_\_\_\_. MARX "after" STEEDMAN (Outros comentários sobre a economia de Marx. Economia conceito de preço de produção em Marx). Campina Grande, Mestrado em Economia Rural/UFPB, maio/1988. (Cadernos de Economia - Série Debates, Nº 32). 08p.

DIMITRIEV, V. K. Ensaio Econômico: La competencia y La utilidad. México: Siglo XXI, 1977.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese (Metodologia). São Paulo: Perspectiva, s/d (Col. Estudos). 176p.

GAREGNANI, P. Sobre a teoria da determinação do valor em Marx e nos economistas clássicos. 30p. In: Progresso Técnico e Teoria Econômica. São Paulo: Hucitec: Unicamp, 1980, (Col. Economia e Planejamento). 180p.

KUNTZ, Rolf. Os clássicos revisitados. 15p. In: Revista de Economia Política, v. 1, n. 2, 2 ed. São Paulo: Brasiliense, abr./Jun. 1981. 160p.

MANDEL, Ernest. O capitalismo tardio. Cap. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1986. (Col. Os Economistas)

MARX, Karl. O Capital. Livros I e III. São Paulo: Nova Cultural, 1984. (Col. Os Economistas)

\_\_\_\_\_. Para a Crítica da economia Política. São Paulo: Abril cultural, 1984. (Col. Os Economistas). 138p.

MEEK, Ronald L. Economia & Ideologia (O desenvolvimento do pensamento econômico). Parte II, Cap. 9 e Parte III, Cap. 10. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. 288p.

\_\_\_\_\_. Smith, Marx y Después (Diez ensayos sobre El desarrollo del pensamiento econômico) Paetr II, cap. 9 e Paetr III cap. 10. Espana: Siglo XXI, 1980. 250p.

NAPOLEONI, Cláudio. O pensamento Econômico do Século XX. Cap. XII, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 204p.

\_\_\_\_\_. O valor na ciência Econômica. Cap. 5. Portugal/Brasil: Presença: Martins fontes, 1980. 196p.

\_\_\_\_\_. Lições sobre o Capítulo Sexto (Inédito) de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1981. 176p.

POSSAS, Mário Luiz. Valor, Preço e Concorrência: não é preciso recomeçar tudo desde o início. 80p. In: IX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA (Olinda, 8 a 11 de dezembro de 1981). Brasília: ANPEC, 1981. 456p.

RUBIN, Isaak Illich. A Teoria Marxista do valor. São Paulo: Polis, 1987. (Col. Teoria e História/13). 294p.

SALAMA, Pierre. Sobre El valor. México: ERA, 1978. (Série Popular Era).

SARTRE, Jean-Paul. Questão de método. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Col. Os Pensadores. 86p.

SRAFFA, Piero. Produção de mercadorias por meio de mercadorias: prelúdio a uma crítica da Teoria Econômica. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 120p.

\_\_\_\_\_. Produção de mercadorias por meio de mercadorias: prelúdio a uma crítica da Teoria Econômica. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

STEEDMAN, Iane e Outros. The value controversy. Londen: NBL, 1981. 300p.

SWEEZY, Paul (Org.) Economia burguesa y economia socialista. Buenos Aires: Siglo XXI, 1974. (Cuadernos de Pasado y Presente/49). 228p.

\_\_\_\_\_. Teoria e desenvolvimento capitalista. Cap. VII. São Paulo: Nova Cultural, 1986. (Col. Os Economistas). 288p.

TOLIPAN, Ricardo. Dinheiro e transformação em Marx, 15p. In: IX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA. (Olinda, 8 a 11 de dez. de 1981), Brasília: ANPEC, 1981. 456p.